

JOSEFINA BAKHITA

O CORAÇÃO NOS MARTELAVA NO PEITO

*Diário de uma escrava que se tornou santa*

## Coleção BIOGRAFIAS

- *Oscar Romero e a Comunhão dos Santos*, Scott Wright
- *Padre Ibiapina*, José Comblin
- *Padre Cícero de Juazeiro*, José Comblin
- *João Paulo II*, Andrea Riccardi
- *Josefina Bakhita*, Roberto Italo Zanini (org.)

ROBERTO ITALO ZANINI (org.)

# JOSEFINA BAKHITA

O CORAÇÃO NOS MARTELAVA NO PEITO

*Diário de uma escrava que se tornou santa*



Título original

*Bakhita il cuore ci martellava nel petto – Il diario di una schiava divenuta santa*

ISBN 978-88-215-7546-4

© EDIZIONI SAN PAOLO s.r.l., Cinisello Balsamo (MI), 2004

Tradução: *José Dias Goulart, ssp*

Direção editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*

Assistente editorial: *Jacqueline Mendes Fontes*

Revisão: *Tiago José Risi Leme*

*Caio Pereira*

*Mario Roberto de M. Martins*

Capa: *Marcelo Campanhã*

Diagramação: *Dirlene França Nobre da Silva*

Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Bakhita, Josefina, Santa, 1869-1947.

O coração nos martelava no peito: diário de uma escrava que se tornou santa / Josefina Bakhita; Roberto Italo Zanini (org.); [tradução José Dias Goulart]. — São Paulo: Paulus, 2014. — (Coleção Biografias)

Título original: *Il cuore ci martellava nel petto: il diario di una schiava divenuta santa*

ISBN 978-85-349-3973-7

1. Bakhita, Josefina, Santa, 1869-1947 2. Igreja Católica - África 3. Santas cristãs - Biografia 4. Santas mulheres - África I. Zanini, Roberto Italo. II. Título. III. Série.

14-05007

CDD-282.092

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Santas negras: Igreja Católica: Biografia 282.092

1ª edição, 2014

© PAULUS – 2014

Rua Francisco Cruz, 229

04117-091 São Paulo (Brasil)

Tel. (11) 5087-3700

Fax (11) 5579-3627

editorial@paulus.com.br

www.paulus.com.br

ISBN 978-85-349-3973-7

*Bakhita é a certeza de que um dia o Senhor nos libertará.*  
(Cardeal Bernardin Gantin, Benin)

*Bakhita são vocês, refugiados, oprimidos, cansados e sem teto.*  
*Bakhita são vocês, vítimas da exploração,*  
*da injustiça e da perseguição:*  
*o amor e o cuidado de Deus os circundam.*  
*Bakhita são vocês que, tornados cegos pelo egoísmo,*  
*não conseguem ver as necessidades urgentes de seus irmãos.*  
*Vocês não podem compreender agora,*  
*mas o descobrirão mais tarde.*  
*Sem dúvida o descobrirão. Deus não os deixará jamais.*  
*Bakhita o compreendeu e se alegrou com a salvação de Deus.*  
*Ela orou por todos vocês e nunca cessará de orar*  
*por vocês, opressores e oprimidos, patrões e escravos,*  
*perseguidores e perseguidos.*  
*Bakhita orou, e Deus perdoou a todos vocês.*  
(Cardeal Gabriel Zubeir Wako, Sudão)

## PREFÁCIO

Os caminhos de Deus são realmente misteriosos. E é sempre interessante tornar a percorrer a estrada pela qual Deus conduz as almas.

A humana aventura espiritual de Santa Josefina Bakhita é de tal forma singular que parece uma lenda, mas é realmente história verdadeira de uma pequena sudanesa: raptada brutalmente de sua família e feita escrava aos sete anos, morreu em Schio, no Vêneto, Itália, não nas névoas de tempos distantes, mas em 8 de fevereiro de 1947, como irmã canossiana, aos quase 78 anos de idade.

Uma história verdadeira, cujos inícios trágicos de angústia ao ser arrancada de seu povoado, como também a experiência dramática dos anos de escravidão, nem deixavam prever a futura escolha que faria pela fé cristã e pelo estilo de vida de santidade na Congregação das Filhas da Caridade, de Madalena de Canossa.

É a primeira santa do Sudão. Na visita a Cartum, em 10 de fevereiro de 1993, o papa João Paulo II dedicou a Bakhita, pouco antes declarada Bem-aventurada, a celebração eucarística na presença de grande multidão, de autoridades civis, dos bispos sudaneses e de uma representação das irmãs canossianas guiadas pela madre geral.

Na homilia, o papa apresentou Bakhita como modelo de virtude e santidade, exaltando o que me parece o aspecto mais atual da mensagem desta filha da África: o perdão em seu coração e o amor que a fez superar todo sentimento de rancor para com aqueles que a fizeram sofrer tanto. Como sublinhou o papa,

Bakhita “aprendeu, dos trágicos eventos de sua vida, a colocar sua confiança em Deus, que está presente sempre e em toda parte”.

O perdão das injustiças sofridas na primeira parte de sua vida levou Bakhita a uma atitude serena de doçura, mansidão e delicadeza no relacionamento com todos.

O perdão, fruto do amor para com Deus e os irmãos, é por isso uma das mensagens que Bakhita nos deixa como síntese de sua vida. É uma lição da qual o nosso tempo tem extrema necessidade. O perdão cura as feridas e restabelece em profundidade os relacionamentos humanos. Ele não se contrapõe à justiça, pelo contrário, a exalta a um plano bem superior, que leva a pessoa à reconciliação e ao amor.

Com seu perdão, com seu amor e confiança em Deus, Bakhita se torna símbolo de uma história de enorme sofrimento e do triste drama da escravidão, mas é também símbolo da mulher que não se deixa abater por sua pesada condição. Graças também a pessoas que tinham senso de humanidade, ela pôde alcançar a liberdade, a fé e o amor a Deus, tornando-se figura exemplar de bondade e reconciliação.

Outra característica que brilha em Bakhita é o fato de que sempre teve grande senso de sua própria pequenez: considerava-se um “nada”, desejosa apenas de ser uma ajuda aos outros, em tudo o que podia.

Desde pequena, Bakhita sentia-se maravilhada ao contemplar o céu estrelado. Ao atingir a fé em Cristo, o que mais a deixava fascinada era ouvir que era filha de Deus e que Deus lhe queria bem.

Meu desejo é que a presente interessante publicação contribua para fazer que conheçam sempre melhor esta figura de irmã canossiana, inscrita no álbum dos santos exatamente neste decorrer do ano jubilar de 2000. E que seu testemunho seja uma luz que ilumine o caminho da humanidade.

*Cardeal Giovanni Battista Re*

## INTRODUÇÃO

A narração aqui apresentada sobre a vida da madre Josefina Bakhita, sudanesa, escrava e depois irmã da Congregação das Filhas da Caridade, de Madalena de Canossa, é, de fato, a única fonte certa das tribulações que caracterizam a juventude da santa. O manuscrito original foi por ela mesma ditado em 1910 a uma coirmã, madre Teresa Fabris, a pedido da madre Margherita Bonotto, então superiora da casa canossiana de Schio, onde Bakhita residia. Poucas páginas, apenas trinta e uma, que contêm extraordinária epopeia, narrada com humilde e genuína brevidade, bem característica de Bakhita.

Não lhe é nada agradável deter-se muito nos terríveis infortúnios que caracterizaram sua existência. Ela o faz com a timidez de quem não aprecia mostrar-se, e não quer ser exaltada pelos fatos que considera fruto direto da ação de Deus em sua vida. Dos testemunhos diretos lembrados no curso do processo de beatificação, não é por acaso que surge claramente esta realidade: quando Bakhita conta espontaneamente os episódios de sua vida, ela o faz quase sempre com as crianças e as jovens hóspedes do colégio da casa de Schio, e quase sempre com finalidades pedagógicas.

Em 1910, Bakhita havia apenas completado quarenta anos de idade, e fazia dezessete que entrara no noviciado. Era preciso esperar outros dezenove anos para consentir, sempre a pedido da superiora, em fazer de novo a mesma narração sobre sua vida. Dessa vez, porém, trata-se de uma série de



diálogos com a mestra, Ida Zanolini, a qual, depois, os reelabora no livro *História maravilhosa*.

Na realidade, Bakhita irá narrar sua vida uma terceira vez. Na segunda metade dos anos de 1920, as filhas e sobrinhos de Illuminato Checchini (a quem, como se verá, Bakhita deve o primeiro encontro com Cristo e a quem ela considera como seu segundo pai) pedem a ela uma narração escrita dos fatos extraordinários que ela mesma lhes havia contado alguns anos antes. Bakhita, que lê e escreve com dificuldade, após solicitar a permissão da superiora, pensa em confiar a tarefa a uma coirmã, na qual deposita muita confiança. Trata-se de irmã Marianina Turco.

Contudo, as tais páginas se perderam. Poderiam talvez ter sido destruídas pela própria Bakhita. Daqueles anos, com efeito, é o episódio narrado por Giovanna Santulin, que era hóspede do colégio de Schio: “Eu era encarregada da limpeza da igreja, quando vi que a madre Morena<sup>1</sup> (nome com que Bakhita foi logo batizada em Schio) tinha rasgado um caderno escrito à mão com memórias de sua vida. Perguntei-lhe o motivo e me respondeu que não queria que seus sofrimentos fossem conhecidos por outros”.

Sobram, porém, as recordações de madre Turco, narradas no processo de beatificação. Quando chamada a testemunhar, confirma ter escrito sob ditado uma série de episódios da vida de Bakhita na África, explicando que não sabia qual fim teve tal escrito, e conta três fatos que até esse momento eram totalmente desconhecidos. Bakhita os havia narrado somente a ela, pedindo-lhe também que não fizesse menção a respeito junto a outros; em um caso, porque se envergonhava do terrível sofrimento que lhe fora infligido, e nos outros dois casos, por temor de aparecer demais ou de passar por jactanciosa.

---

<sup>1</sup> Em italiano, “madre Moretta”. (N.R.)

Dessas três histórias falaremos no Apêndice, após termos examinado, à luz dos infortúnios de Bakhita, o problema da escravidão no mundo de ontem e de hoje. A propósito, basta uma pequena sugestão como guia de leitura: entramos na vida de Bakhita na ponta dos pés, aceitando a simplicidade de sua narração, a intensa dor e alegria que daí transparecem, deixando fora da porta as nossas superestruturas culturais. Que a falta absoluta de estratégias literárias, tendentes a diluir a ingenuidade desarmante das frases de Bakhita, não nos engane, levando-nos a conclusões apressadas. Por mais estranho que possa parecer, suas palavras constituem a fotografia fiel de uma mulher que realizou grandes coisas da maneira mais simples, deixando-se guiar por Deus.

É apenas para testemunhar a grandeza da obra de Deus sobre sua pessoa que Bakhita aceita narrar o que evidentemente nunca deixa de lhe causar dor, a começar pela perda do afeto de seus queridos. “Para a glória de Deus, para exaltar o poder de Deus, que me fez conhecer a salvação...”

Se por acaso pudesse haver alguma dúvida sobre a veracidade dos fatos narrados, valha a resposta que a mesma Bakhita certo dia oferece a quem em sua presença dá mostras de considerar exagerados muitos pormenores: “Quanto à verdade, é certamente menos que mais. Porque muitas coisas, somente o Senhor viu e não se podem nem dizer nem escrever”.